

*Últimos Escritos*  
*de*  
*Vicente Amorim*

## *Penedo (1908 a 1911)*

Penedo era uma festa nesse tempo. Meu pai tinha acabado a edição do jornal e passou a se dedicar à gráfica, que nos dava proventos suficientes. Na nossa casa, aos domingos, sempre tínhamos convidados para o almoço. Nesse dia, foram o sociólogo Sabino Romaris e outro que não me lembro o nome.

Na véspera, tinha chegado o padre Geminiano de Freitas, primo de meu pai e meu padrinho junto com a nega Tiná. Dormiram lá em casa, tomaram café da manhã com cuscuz de milho e arroz e bastante leite de coco. Além disso, inhame, macaxeira, queijos franceses e do sertão, presunto e fiambre. Depois do café, meu pai e o padre saíram para dar uma volta na cidade até a hora do almoço. Ao meio-dia em ponto, o almoço já estava na mesa. Tinha carne recheada com farofa de ovos e castanhas portuguesas, feijão mulatinho (bem gostoso!) e arroz bem misturado com toucinho defumado. As sobremesas eram compotas de cidra, mamão verde, queijos franceses. Depois do café, licores para quem bebia. Tudo isso acompanhado de bons vinhos portugueses. Terminado o almoço, meu pai mandava os miúdos para a cama. Mercedes, minha dindinha, tomava conta até nós dormirmos.

Os graúdos iam discutir política na varanda, já que naquela época não havia futebol. Lá pelas tantas, mais ou menos às três horas, os convidados iam embora, o padre Geminiano pegava uma lancha e voltava para Vila Nova. Meus pais recolhiam-se.

Às seis tomávamos banho e íamos passear pela cidade. Dindinha e as crianças passeavam pelo cais e meus pais faziam visitas costumeiras. Às nove, voltávamos para casa, tomávamos chá com torradas e íamos dormir até o dia seguinte. Era essa a festa de Penedo naquele tempo.

Vicente Amorim, dia 30 de dezembro de 2005

\*\*\*

## *O último Natal da minha infância*

Em 1922, na longínqua cidadezinha de Porto da Folha, encravada no alto do sertão sergipano, era véspera de Natal. Eu e meu primo Overlach, de saudosa memória, organizamos a nossa mesa de rifas para a feira. Outras havia. Os bazares improvisados ofereciam suas quinquilharias a matutagens alvoroçadas. As barracas de bebidas ofereciam cervejas quentes e refrigerantes que não refrigeravam. Uma orquestra de instrumentos obsoletos tocava árias de óperas da época. O vigário contemplava, do seu tablado, a euforia dos seus fiéis. As moçoilas ruborizavam-se com papel de seda molhado, pois não havia nem ruge nem batom.

Dançávamos, cantávamos e pulávamos. Leilão de prendas. Chegando à meia-noite, a missa do galo. A festa ia se acabando como as rosas com perfume.

A vida é como a árvore: vai se extinguindo em cada folha que cai.

\*\*\*

## *Santos*

Devo ter chegado em Santos em março de 1923, pois embarcamos no navio Itapuca nesse ano (navio médio). Cheguei no Rio de Janeiro na manhã do dia 03 de março. Fui me hospedar na casa do meu tio Henrique Müller (suíço) e de minha tia Isaura. Eram os primeiros habitantes do bairro do Grajaú, ainda em formação.

Eu tinha quatro primos: Hedeltrudes, Hedgar, Heládio e Elizabeth.

Naquele dia, almoçamos ao meio-dia. Dei umas voltas no lugar em companhia da prima Elizabeth, quatro anos mais moça do que eu. Ela mostrou-se muito liberal; daí a pouco, trocamos uns beijinhos. À noite, fui ao teatro com Hedgar na Vila Isabel. Assistimos a uma peça portuguesa cujo nome não me lembro.

No dia seguinte, depois do navio ter voltado da manutenção, embarcamos para Santos. Por isso eu acredito ter chegado em Santos no dia 4 ou 5 de março. O Itapuca atracou no porto de Santos às 9 da manhã. Meu tio Brás me esperava, aparentando mais ou

menos 60 anos, barrigudinho, cigarro de palha, colete, uma corrente de ouro. Depois de termos deixado minhas malas sob os cuidados da companhia que as levava em casa, fomos a pé ao escritório dele. Comecei a estabelecer meus primeiros contatos com a cidade.

Passamos o dia no escritório. À tarde, fomos para casa conhecer a família dele e a minha primeira moradia. Deram-me um quarto de porão habitável, com um banheiro ao lado. Como mobília, uma mesa, uma cama e um armário. Durante o jantar, comecei a conhecer melhor a culinária paulista.

Desci do bonde na praça Rui Barbosa e fui me encontrar com um empregado do meu tio, com quem fiz amizade. Fomos a uma quermesse na igreja do Valongo, zona da colônia portuguesa. Às dez da noite, voltei para casa. Foi o meu primeiro dia de contato com a cidade.

No dia seguinte, fui ao escritório e passei a conhecer a rua Quinze de Novembro, reduto do comércio cafeeiro. Fui apresentado a vários comissários. Fui trabalhar no escritório do meu tio com o ordenado de 200 mil réis, o que era, para mim, uma fortuna, já que havia chegado na cidade com apenas 18 mil réis.

Eu tinha poucas roupas: 2 ternos de casimira, que ganhei ainda em Penedo, e 1 terno de brim, confeccionado em Porto da Folha por Cícero, casado com minha prima Clarisse. Depois, tive que mandar fazer um terno azul-marinho que custou 100 mil réis. Foram os meus primeiros dias na cidade paulista.

A população de Santos na época girava em torno dos 200 mil habitantes. Santos ficava distante da cidade de São Vicente uns 6 quilômetros. Hoje, as duas viraram uma cidade só, com mais de um milhão de habitantes.

Comecei a trabalhar no café. Morava com meus tios, não pagava casa nem roupa lavada, comia de graça, e assim vivi por dois anos.

Em 1927, na antiga Vila Belmiro, hoje completamente transformada, adoeci. Foi uma gripe forte que virou tuberculose. Tive que voltar para a minha terra, descansar e me curar. Fiquei bom. A mudança de ares e a comida contribuíram para a minha recuperação.

Passei três meses no Norte. Perto do Natal, regressei a Santos. Aí já não voltei para a casa do meu tio. Fui morar com meu primo Dácio, filho do tio Brás, na Rua da

Constituição, número 22. Pouco tempo depois, ele se casou com Helena. Ambos já estão mortos.

Em janeiro de 1930 me casei. Nessa época, já ganhava de 500 a um conto de réis. Conheci algumas namoradas, inclusive uma sobrinha da minha tia chamada Maria José. Foi um namoro que durou de quatro a cinco meses.

À medida que o tempo avançava, eu ia me familiarizando com a cidade. Dois anos depois, comprei meu primeiro automóvel. Me lembro até da chapa – 799! Naquela época, os automóveis usavam chapas municipais; não era como hoje.

Fiz amizade com algumas famílias e freqüentava festas de aniversário, batizados e casamentos. Os portugueses gostavam muito dessas festas. Fiquei sócio do Santos Futebol Clube, e freqüentava o clube quase que diariamente. Às vezes, jantava lá. Participei de algumas peladas. Conheci minha mulher mais ou menos em 1929. Ela vinha da Europa. Tinha 16 anos e eu 23. Minha mulher chamava-se Beatriz. Já morreu. Em 1945, nos separamos. Fui trabalhar no ramo dos seguros. Depois de um ano em Belo Horizonte, fui morar no sul, em Florianópolis.

Minha filha Maria Lúcia nasceu no dia 26 de outubro de 1930, dois dias depois do término da Revolução Paulista. Ainda havia tumultos na rua quando ela nasceu. Encontrei-a depois de ter participado das arruaças.

A minha sogra foi morar sozinha com o filho e eu me acomodei com minha mulher em uma rua do Campo Grande, em Santos. Em 1934, fui nomeado representante da firma na cidade de Botucatu. Já com a vida feita, abri um escritório e ganhei muito dinheiro, perdido em 1939 devido à crise cafeeira naquela época.

O resto vem depois...

\*\*\*

## *Um encontro indesejável*

Os negócios da companhia iam mal, na iminência de uma falência. Eu, como diretor, chamei meu compadre Alfredo que era o gerente e recomendei:

- Hoje ficaremos depois do expediente aqui para olhar a papelada. Até à meia-noite mexemos e remexemos a papelada.

Depois fechamos o escritório e eu falei:

- Vamos a pé até a casa do João (onde estava hospedado).

Do Brás até a casa do João demorávamos cerca de vinte minutos. Passamos pela rua Aurora e encontramos uma choperia aberta. A orquestra tocava uma música sonora e triste. Abancamos. Duas garçonetes se aproximaram. O Alfredo me disse:

- Converse com a Baianinha. Vocês falam a mesma língua e devem se entender bem. Ela então disse:
- Não sou baiana nada, você sabe disso. Sou sergipana de Propriá. Então, para verificar se ela era mesmo de Propriá, pedi a ela que dissesse o nome de três ruas de lá. Ela respondeu prontamente:
- Piedade, Vitória e Capela.
- É, realmente você é de Propriá, disse.

Ela me olhou chorando e balbuciou:

- Você é o Vicente, filho da madrinha Sinhá.

Pedi licença e se retirou, não voltando mais. Depois de um tempo a reconheci. Era Djanira, afilhada de minha mãe. Não regressou mais. Paguei a conta e fui embora. No dia seguinte, levantei-me com o firme propósito de ajudá-la. Às oito da noite voltei à choperia e a procurei. As meninas disseram que ontem, depois do incidente, ela havia pedido as contas e, depois disso, não havia aparecido mais. A minha vontade de prestar ajuda frustrou-se.

Dias depois, no Rio, perguntei à minha irmã Maria Odete:

- Que fim levou Djanira de dona Laura?

Maria Odete me disse:

- Djanira sempre foi maluquinha. Casou-se com uma rapaz de Vila Nova e depois de algum tempo se separou e vive por aí.

Então silencieei. Anos depois, minha irmã Mercedes, de férias aqui no Rio, manifestou vontade de visitar uma amiga do Norte que morava em Jacarepaguá. Ofereci-me para levá-la. À noite, tomamos um táxi e fomos visitar a amiga. Era a mais velha das irmãs de Djanira, Antonieta. Eram três irmãs: Antonieta, Consuelo e Djanira, sendo esta a mais moça. Conversa vai, conversa vem, Mercedes pergunta:

- E Djanira, o que foi feito dela?

Antonieta responde:

- Djanira se casou, depois se separou e eu não tenho notícias dela há muitos anos. Tenho muitas saudades. Nos despedimos. Silencieei.

\*\*\*

## *Remendos da minha vida*

Nesta hora matutina, num canto do pavilhão onde moro, na Casa São Luiz, recordo em meditações profundas fatos ocorridos na minha longa vida passada.

Em Penedo, no estado de Alagoas, meu pai tinha um jornal. Nele se reuniam os intelectuais da cidade e, da conversa deles, muitas coisas eu aprendi.

Muitos anos depois, em Santos, amadoristicamente, fiz teatro, cinema e jornal. Conseguia conciliar o meu trabalho com as coisas alegres da vida. O cinema, naquele tempo, era mudo. No Rádio Clube de Santos juntava-me para os eventos.

Hoje, aos 101 anos de vida, rememoro mastigando as memórias daquele tempo. Quis a sorte que eu terminasse meus dias aqui nessa casa, que não é o paraíso mas também não é o inferno. Tenho saudades da minha infância, da mocidade e dos anos gastos nas intempéries da vida.

Tive ídolos da política: Prestes, Getúlio; mais tarde, Juscelino tomou conta dos meus ideais. Na cidade de Botucatu, no estado de São Paulo, fui proprietário de duas máquinas de beneficiar café. Tenho saudades desse tempo (1939). Saudades... palavra maravilhosa que as outras línguas não têm. Tive uma vida profissional e sentimental intensa. Ganhei muito dinheiro, perdi muito dinheiro e gastei muito dinheiro. Não me arrependo. Cada minuto que passa é uma saudade que fica. Comi em taba de índio e hotel cinco estrelas. Talvez por isso eu não me acostume com a rotina das coisas atuais. O que era indecente ontem passa a ser decente hoje. O homem vive em função do tempo e do espaço. Hoje o meu tempo se resume em recordar. Alguém falou que recordar é viver. E eu afirmo que recordar é sofrer. Aos meus parentes e amigos, deixo o meu Adeus.

Vicente Amorim, dia 16 de novembro de 2005